

O VALOR DA FALA INSPIRADA DE POETAS E ADIVINHOS NA POESIA HOMÉRICA: OS MÉRITOS DA MEMÓRIA

Alexandre Santos de Moraes*

Recebido em: 25/11/2011 Aprovado em: 09/12/2011
--

Resumo: *O artigo tem por objetivo analisar os discursos de poetas e adivinhos na poesia homérica. Apesar de ambos terem sido considerados indivíduos inspirados, com acesso privilegiado às divindades, a diferença entres é bastante significativa. A questão da memória emerge como fator distintivo capaz de assegurar, no âmbito da narrativa, louvor ou censura do público ouvinte.*

Palavras-chave: *poetas; adivinhos; memória; poesia homérica.*

Falar é um dos traços distintivos da experiência social apresentada pelos poemas homéricos. Ao lado do ímpeto combativo no campo de batalha, a palavra política, que orienta os caminhos, define posições e celebra os méritos, constituía-se um verdadeiro instrumento de poder. Certamente, esse fenômeno tem muito que ver com as características de uma sociedade ágrafa, cujas leis não estão estabelecidas em um código e que, portanto, dependem fundamentalmente da força impositiva da voz de quem goza de prestígio social. Há, nesse sentido, um tipo de fala capaz de produzir *acontecimentos*, de estabelecer algo, de instaurar uma ordem, diferenciando-se radicalmente da fala ordinária, cotidiana, pronunciada em meio a conversas e resoluções casuais. Trata-se, portanto, de um tipo de fala à qual é atribuído *valor*.

Igualmente, há outro tipo de fala também investida de valor, mas que possui características radicalmente diferentes. Refiro-me à palavra daqueles que arrogam pra si um acesso privilegiado à divindade e que são vistos como agentes potencialmente capazes de vislumbrar os desígnios dos deuses e trazê-los ao conhecimento dos homens. Acerca destes dois tipos de fala, recorro à distinção proposta por Marcel Detienne, que as denomina, respectivamente, *palavra-diálogo* e *palavra mágico-religiosa*:

Estes dois tipos de palavra opõem-se em toda uma série de pontos: a primeira é eficaz, intemporal; é inseparável das condutas e dos valores simbólicos; ela é o privilégio de um tipo de homem excepcional. Ao

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação do Prof. Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso. Bolsista CNPq.

contrário, a palavra-diálogo é laicizada, complementar à ação, inscrita no tempo, provida de autonomia própria e ampliada às dimensões de um grupo social. (DETIENNE, 1989, p.45).

A “palavra mágico-religiosa” é, portanto, privilégio dos poetas e adivinhos, aqueles que sabem “o que é, o que será, o que foi” (HOMERO. **Ilíada**, I, 70; HESÍODO. **Teogonia**, 32). Isso não significa dizer, contudo, que entre suas atividades não haja peculiaridades e diferentes gradientes de prestígio. Este artigo tem a intenção de colocar o ofício desses indivíduos em perspectiva, utilizando os poemas homéricos como referência e procurando refletir sobre as relações que nutriam com a aristocracia do período.

Mesmo que o exercício comparativo se caracteriz, sobretudo, por ser um esforço de observação empírica de semelhanças e diferenças entre, pelo menos, dois focos de interesse, há certas dimensões da própria diferença que precisam ser evocadas inicialmente e que, mesmo antecedendo o exercício comparativo, já estão sendo mobilizadas no bojo da própria comparação. Colocar objetos em perspectiva exige que se observe distintamente o lugar ocupado por cada um deles no interior da análise. A unicidade das experiências sociais também deve ser tomada como a cautela necessária para que se perceba que, diante das diferenças, a comparação deve avaliar antes de mais nada os limites e potenciais das assimetrias.

Com base nisso, nota-se que há uma diferença fundamental entre os poetas e adivinhos e que deve ser cuidadosamente observada por aqueles que buscam avaliar suas presenças na *Ilíada* e *Odisséia*: as narrativas, tal como conhecemos, são reminiscências autênticas das práticas oratórias dos primeiros, e nada indica que os segundos tenham tido algum tipo de participação em sua composição. Assim, por um lado, o que temos disponível é o olhar que os *aedos* tinham a respeito da atividade dos adivinhos, sem a contraparte necessária para equilibrar o jogo, ou seja, o olhar dos adivinhos sobre a atuação dos *aedos*. Por outro lado, os discursos dos *aedos* eram limitados pelas expectativas da aristocracia, seus ouvintes em potencial, fato que restringia a autonomia que dispunham para cantar. No mais, o canto deveria gozar de certa verossimilhança em relação ao trato que essa aristocracia tinha com os diversos segmentos da vida social, já que parece óbvio que seus méritos só poderiam ser celebrados caso o grupo se reconhecesse nos poemas. Dessa forma, as passagens podem

indicar que as representações dos *aedos* e adivinhos sejam um amálgama da visão da que a aristocracia e os próprios *aedos* tinham sobre si e sobre os vates. Esse é núcleo do problema para a crítica das caracterizações.

As práticas oratórias dos *aedos* e adivinhos parecem se orientar em sentidos diametralmente opostos: enquanto os primeiros celebram os feitos passados, presentificando-os na memória dos ouvintes, os segundos revelam os eventos futuros, próximos ou distantes de acontecer. No entanto, como salienta Jean-Pierre Vernant,

[...] entre a adivinhação e a poesia oral tal como ela se exerce [...] nas confrarias de aedos, de cantores e músicos, há afinidades e mesmo interferências, que foram assinaladas várias vezes. Aedo e adivinho têm em comum um mesmo dom de vidência. [...] O deus que os inspira mostra-lhes, em uma espécie de revelação, as realidades que escapam ao olhar humano. (VERNANT, 1990, p.137).

De fato, imperava a concepção de que tanto os poetas quanto os adivinhos eram indivíduos excepcionais, capazes de *ver* o que os demais seriam incapazes. Segundo E. R. Dodds, por mais que em Homero as duas atividades sejam bastante distintas, há boas razões para crer que certa vez elas haviam estado unidas, pois a analogia entre as duas profissões continuava ainda a ser sentida (DODDS, 2002, p.87). Algo semelhante é considerado por Chadwick, para quem é evidente que, através das antigas línguas da Europa do Norte, as idéias de poesia, eloquência, informação (principalmente estudo do passado) e profecia estão intimamente relacionadas (CHADWICK; CHADWICK, 1968, p.637).

A afetação provocada pelos discursos, no entanto, parece encerrar as similitudes e dar início à assimetria. Em geral, enquanto os poetas são tratados com a mais alta estima e louvor por aqueles de quem a glória é cantada, os áugures são frequentemente criticados e, muitas vezes, ameaçados por aqueles a quem são dirigidas as predições. Cabe analisar, dessa forma, as passagens em que tanto os *aedos* quanto os adivinhos interagem com a aristocracia e as reações provocadas por seus discursos.

O recitativo aédico: Demódoco e Fêmio

Apesar da constante presença de *aedos* em Homero,¹ Demódoco e Fêmio foram aqueles que concentraram maiores atenções e acerca de quem conhecemos a resposta da

aristocracia ao recitativo. O primeiro tem destaque durante o périplo de Odisseu e marca presença na corte do rei feácio Alcínoo; o segundo empunhava sua cítara em Ítaca para os pretendentes que almejavam casar Penélope.

Demódoco, cujo nome (*Δημόδοκον*) significa “acolhido pelo povo”, enunciava suas canções na Feácia, região em que Odisseu aportou após ter sido libertado do cárcere amoroso de Calipso. Foi lá que encontrou condições para retornar à casa. Nos banquetes feácios, sob os auspícios da nobreza local, celebravam-se as gestas dos heróis e as vitórias dos aqueus em Tróia para entreter os convivas. Tão logo Alcínoo pede que o arauto traga Demódoco, seu acesso à palavra de cunho mágico-religioso é prontamente apresentado: “Para o júbilo feácio, um deus lhe deu o canto e o coração o instiga” (HOMERO. *Odisséia*, VIII, 44-45).

Ao chegar ao local, foi servido um belo repasto ao poeta, com carnes e vinho em abundância, para saciar a fome e a sede (HOMERO. *Odisséia*, VIII, 69-71). Demódoco cantou a dissensão entre Aquiles e Odisseu, tema que não consta nas epopéias, mas que, pelo que tudo indica, era uma das tantas histórias paralelas que não foram registradas nas versões que conhecemos. Fato é que o canto, inspirado pela Musa, fez Odisseu se emocionar profundamente. Alcínoo, que também desconhecia a identidade do herói, percebeu a angústia que a récita evocava e pediu ao cantor que interrompesse-a.

Após algumas competições atléticas, Demódoco voltou a cantar. Desta vez, dedicou-se a celebrar os amores de Ares e Afrodite, voltando a encantar a audiência. O recitativo é novamente interrompido, desta vez para a oferta de dons – parte indispensável de uma boa recepção – e posteriormente, pela terceira vez, é retomado. Odisseu, vendo Demódoco retornar ao recinto, chama um arauto e pede que entregue a ele uma posta de carne como presente, nos seguintes termos:

*Arauto, passa a carne para o aedo e dize-lhe
que um homem abatido dele se afeiçoa:
pelos humanos epictônios, todos, aedos
são dignos de louvor e de honra: a Musa ensina
à sua estirpe as vias de onde o canto aflora
(HOMERO. *Odisséia*, VIII, 477-481)*

Em seguida, é o próprio Odisseu quem, pessoalmente, vai cumprimentar o *aedo*:

Louvo-te muito acima dos demais mortais:

*filha de Zeus, a Musa te instruiu? Apolo?
Cantas num cosmo de beleza a sina argiva,
quanto fizeram, padeceram e amargaram,
como se lá estiveras ou de alguém souberas”*
(HOMERO. **Odisséia**, VIII, 487-491)

O filho de Laertes sugere como tema para novo canto o episódio do cavalo de madeira, e Demódoco atende seu pedido. Odisseu volta a se emocionar e Alcínoo, mais uma vez percebendo as lágrimas contidas, pede que o estrangeiro se identifique. Só então os convivas ficam sabendo que o tempo todo tratava-se de Odisseu. No canto IX o herói começa a descrever para os feácios as agruras por que passou, mas não sem antes voltar a elogiar o *aedo*: “é belo ouvir cantor da maginidade do aqui presente, ícone de um deus no tom de voz” (HOMERO. **Odisséia**, IX, 3-4). Demódoco não é mais mencionado ao longo da *Odisséia*.

O caso de Fêmio (**Φεμίω**) oferece novas perspectivas. Seu nome, aliás, já indica uma afinidade com a atividade dos adivinhos que não é possível observar na etimologia de Demódoco: tomando como base o campo semântico do verbo **Φήμι**, pode significar “o que é mostrado”, “aviso dos deuses”, “presságio”, “auspício”. O ambiente em que celebrava suas récitas também era radicalmente oposto àquele experimentado pelo *aedo* feácio. Fêmio cantava no palácio de Odisseu, que há vinte anos não via seu rei. Seu público era basicamente formado pelos jovens pretendentes à mão de Penélope, que consumiam as reservas de Ítaca, cometiam toda sorte de excessos e o obrigavam o *aedo* a cantar contra vontade.

A adequação do canto às vontades da audiência era prerrogativa inicial para o sucesso dos *aedos*, condição que envolveu Fêmio em um dilema, já que seu público era adversário do rei em cujo palácio estava acolhido. Ele seguiu, no entanto, a orientação geral que definia o recitado aéutico e celebrou os males que padeceu Odisseu em função do retorno lutuoso que Athena impusera ao contingente aqueu.² Os pretendentes, “calados, escutavam o cantor notável” (HOMERO. **Odisséia**, I, 325). Penélope, no entanto, ouviu as récitas do aposento de cima e desceu as escadas para interceder. Interrompendo o canto, disse:

*Fêmio, conheces muitos outros feitos de homens
e de imortais que encatam as plateias, célebres.
Escolhe um deless, que, em silêncio, todos te ouvem*

*sorvendo o vinho: para o canto lutuoso
que dói no coração como um punhal bigúmeno.*
(HOMERO. **Odisséia**, I, 337-341)

Obviamente, Penélope não fazia parte da audiência inicial, mas passou a fazer quando se aproximou, tornando o canto inadequado. O *aedo*, no entanto, foi socorrido por Telêmaco, filho de Penélope e Odisseu, que percebeu o dilema do cantor e o imunizou das críticas: “Por que vetar que o *aedo* nos deleite, mãe, se a mente dita o canto? Poetas não têm culpa, mas Zeus é responsável: doa ao comedor de pão, ao ser humano, o que lhe apraz doar” (HOMERO. **Odisséia**, I, 346-349). Os pretendentes ficam atônitos com a presença de Penélope, e Telêmaco volta a fazer uso da palavra-diálogo para restituir o equilíbrio do banquete: “Altivos pretendentes de Penélope, não será a melhor postura entregar-se à balbúrdia quando se festeja! Nada é mais belo do que apreciar poeta da projeção de Fêmio, símile dos numes” (HOMERO. **Odisséia**, I, 369-372).

Fêmio volta a ser mencionado ao final da *Odisséia*, quando Odisseu e seu filho trancafiaram os pretendentes em uma sala e deram início à chacina vingadora. O *aedo* estava lá e, mais uma vez, viu-se diante de um dilema:

*Com a lira em punho, ele se
encontrava perto da porta de trás, indeciso
entre duas providências. Sairia para se refugiar
no altar de Zeus, protetor de suplicantes, a quem
Odisseu, filho de Laertes sacrificara assíduo
quartos de muitos bois, ou seria preferível que
se lançasse aos pés do herói e lhe rogasse
clemência?*
(HOMERO. **Odisséia**, XXIII, 331-338)

Após ponderar, julgou mais prudente implorar pela vida. Colocou sua lira no chão, aproximou-se do herói e, abraçando-lhe os joelhos, disse:

*Aqui me tens de joelhos, Odisseu. Suplico-te
piedade. Assassinar um cantor te trará aflições.
Minhas odes encantam deuses e homens.
Sou autodidata, contudo o dom de cantar foi
plantado em mim por um deus. Acolhe,
portanto, meu canto como voz divina. Não me
decapites. Teu filho poderá confirmar que*

exerci minha profissão nesta casa contra minha vontade. Os pretendentes me obrigavam a comparecer. Eram numerosos e mais fortes”.
(HOMERO. **Odisséia**, XXII, 344-353)

Telêmaco estava perto e, ouvindo as palavras de Fêmio, recomendou ao pai que poupasse sua vida, bem como a do arauto Medonte, que cuidara dele enquanto ainda era uma criança. Odisseu assentiu e ordenou que se retirassem: “Deixem agora a sala, vocês dois. Esperem lá fora. Não quero você e o cantor neste ambiente de matança” (HOMERO. **Odisséia**, XXIII, 374-376). Fêmio foi, mais uma vez, imunizado.

A afetação provocada pelo uso da palavra mágico-religiosa pelos adivinhos, quando comparada à dos *aedos*, mostra-se bem diferente.

Os vaticínios de Calcas e Mastorides Haliterses

Calcas (**Κάλχας**) é, sem dúvida, um dos melhores exemplos da visão homérica acerca da atividade dos vates. Seu nome, derivado do verbo **καλχαίνω**, significa “aquele que reflete profundamente” ou “aquele que está imerso nos pensamentos”. Apesar de ter sido mencionado em inúmeras narrativas ao longo da história grega, a predição que faz no primeiro canto da *Iliada* é a mais conhecida caracterização do personagem.

O exército aqueu sequestrou a filha de Crises, sacerdote troiano. Este, para vingá-los, invocou Apolo e pediu retaliação. O deus atendeu sua súplica e, por dias, lançou suas setas sobre o exército aqueu, além de instaurar uma peste. Buscando uma solução para o problema, Aquiles convoca a assembléia dos guerreiros e sugere que o vidente, cujo sonhar provinha de Zeus, explicasse o rancor apolíneo. Calcas observa o vôo dos pássaros, interpreta-os e desvela as causas do problema. Antes de falar a todos, porém, pede proteção a Aquiles:

*Aquiles, caro a Zeus, ordenas que eu discorra
sobre a ira de Apolo, deus flechicerteiro.
Pois é o que farei. Mas vê se me afianças,
zeloso, com teu braço e palavras valer-me.
Temo irritar um homem, o maior de todos,
que os Argivos governa e os Aqueus obedecem.
Furioso contra um fraco um rei se excede em força:
se no momento engole a cólera e a cozinha,*

*perdura-lhe o rancor, até que se sacie,
concentrado no peito. Diz que me protege*
(HOMERO. **Ilíada**, I, 74-83)

Aquiles dá sua anuência e declara que, enquanto vivo, não permitiria que ninguém lhe fizesse mal. Calcas, encorajado pela proteção do herói, explica que a fúria apolínea tem que ver com o sequestro de Criseida, filha do sacerdote, e com o fato de Agamêmnon não ter aceito o resgate: “Por isso, deu-nos dor, e há de nos dar, o Arqueiro, nem o horror do flagelo afastará dos Dânaos, antes que ao pai retorne a moça de olhos rútilos, sem prêmio, sem resgate” (HOMERO. **Ilíada**, I, 96-99).

Agamêmnon, de fato, se enfureceu. Entregar Criseida significava abrir mão de seu *géras*, do lote que lhe coube na partilha do espólio de guerra que simbolizava sua honra e prestígio. Furioso, o Atrida ergue-se, encara Calcas e profere:

*Vate funesto, a mim nunca anunciaste o bem,
és amigo do mal, sempre que profetizas;
Nunca disseste, nem cumpriste, um bom augúrio.
E entre os Dânaos, agora, arengas, agourento:
que o deus flechicerteiro tanta dor lhes causa
porque eu não aceitei o resgate da moça,
o penhor de Criseida. Antes a quero em casa,
prefiro-a junto a mim, rival de Clitemnestra,
que, jovem, desposei: Criseida não lhe cede
no porte ou na figura, em prendas, no talento.
Mas se é melhor assim, opto por devolvê-la;
Quero meu povo salvo, antes que destruído.
Porém um novo prêmio preparai-me, súbito;
não é justo que eu só fique sem recompensa:
meu quinhão, quem não viu? Passou-se a mãos alheias*
(HOMERO. **Ilíada**, I, 106-109)

Aquiles discorda do rei, declarando que “não é justo partir de novo o repartido” (HOMERO. **Ilíada**, I, 126). Nesse momento tem início a clássica querela que irá definir os rumos ulteriores da Guerra de Tróia: o rei de Micenas exige, em troca de Criseida, Briseida, jovem que foi dada a Aquiles durante a partilha. O herói tem ímpeto de matar o Atrida, mas é contido por Athena. Em seguida, abandona a guerra e só retorna após a morte de Pátroclo.

O caso de Mastoride Haliterses é sensivelmente diferente. Na verdade, não se trata de um adivinho propriamente dito, entendido como alguém que, tal como os

poetas, fazia uso da palavra mágico-religiosa como meio de subsistência. Tratava-se de um ancião itacense reconhecido como alguém que interpretava com primícias os símbolos que indicavam os eventos vindouros. A descrição, no entanto, sugere que seu discurso e vidência foram feitos com base nos mesmos critérios de Calcas, permitindo-nos observá-lo segundo esse ângulo. De acordo com a *Odisséia*, “Nenhum coetâneo lhe equiparava em decifrar as aves e prever augúrios” (HOMERO. *Odisséia*, II, 159-160).

Mastoride Haliterses vaticina durante a assembleia convocada por Telêmaco. O filho de Odisseu levou os itacenses à *ágora* motivado por duas necessidades: denunciar a situação de seu palácio assediado pelos pretendentes e solicitar auxílio para a expedição que faria a Pilos e Esparta em busca de notícias do paradeiro de seu pai. Durante o discurso, Telêmaco se exalta e invoca a fúria vingadora de Zeus para punir com a morte aqueles que dilapidavam seus bens. O Cronida, ouvindo a súplica do filho de Odisseu, envia duas águias para exibir suas intenções:

*À brisa fácil pairam,
poupando as asas, por um lapso, muito próximas,
em paralelo, mas quando lhes chega da ágora
o multifalatório da assembleia, premem
asas em túrbida voragem, remirando
a frente dos presentes com olhar de morte:
garreando mutuamente a face e o colo, à destra
somem, abaixo as moradias e a cidade.
(HOMERO. *Odisséia*, II, 148-155)*

É com base nessa visão, partilhada por todos os presentes, que o ancião toma a palavra e declara que Odisseu estava por perto, planejando o extermínio dos ocupantes do solar. Recomenda que se pense em meios para frear os pretendentes ou solicitar aos próprios que contenham seus excessos, para o próprio bem. Nesse momento, Eurímaco, um dos jovens que cobiçavam Penélope, responde-lhe com veemência:

*Vai pra casa proferir teus vaticínios,
velho, para poupar teus filhos do revés:
Decifro bem melhor o mais recente indício!
Das aves numerosas que voejam sob
o sol luzente só algumas são fatídicas,
pois nos confins o herói findou. Se o acompanharas,
nós não ouvíramos tua agourenta arenga,
tampouco instigarias o jovem furibundo,*

*recolhendo os presentes com que te brindou!
O que eu direi, escuta, pois se cumpre em breve:
se tu, ilustre sabedor da coisa antiga,
com tuas predições, instila rispidez
nesse rapaz, ninguém mais que ele sofrerá
as duras consequências (nada poderá
fazer por causa deles). Não evitarás
a reprimenda, velho, pois teu coração
padecerá: não sabes aonde chega a dor!*
(HOMERO. **Odisséia**, II, 179-195)

Não se tem mais menções aos vaticínios de Mastorides Haliterses. Telêmaco retruca a fala intempestiva de Eurímaco, mas sem sucesso: a situação dos pretendentes continua a mesma. Fato é que o desenrolar da *Odisséia* demonstra que das duas interpretações acerca do voo das águias de Zeus, a que se revelou correta foi a do velho vate.

O valor das falas em perspectiva

A origem divina dos discursos é um dos elementos recorrentes nas falas dos poetas e adivinhos. Em todos os casos, Homero deixa claro que estamos diante de indivíduos inspirados, plenamente capazes de interpretar os símbolos enviados pelos deuses e, com base no treinamento que possuem para fazer uso de seu dom de vidência,³ trazer para o presente da narrativa os acontecimentos que as demais personagens são incapazes de ver. Eles estabeleciam, com base nesse privilégio, uma relação de poder ou, com aponta Dodds, “o poder da fala verdadeira” (DODDS, 2002, p.87).

Os vocábulos utilizados para designar o valor da fala dos *aedos* e adivinhos, em uma perspectiva comparada, permitem sugerir dois níveis de compreensão das suas atividades. Por um lado, tem-se uma atitude positiva (+), de louvor (**ἔπαινος**), que elogia os méritos e valoriza os discursos inspirados; por outro lado, tem-se uma atitude negativa (-), de censura (**φύγος**), que critica os discursos e desvaloriza a fala. Em relação a quem enuncia os elogios e/ou censuras, há duas configurações que precisam ser diferenciadas na superfície discursiva: a do narrador e a dos personagens. O narrador, entendido aqui genericamente como aquele que expõe os fatos, não se envolve diretamente nas ações, enquanto as personagens emitem seus juízos com base nos respectivos interesses que representam no interior da narrativa. Com base nessas

distinções, os adjetivos e verbos que caracterizam as reações aos enunciados dos poetas e adivinhos podem ser assim sintetizados:

POETAS (Demódoco e Fêmio)			
Enunciador	Termo utilizado	Sentido na narrativa	Referência
Narrador	περικλυτός	“renomado”, “notável” (+)	Od. , I, 325.
Narrador	θεῖον ἄοιδόν	“aedo divino” (+)	Od. , I, 336.
Personagem (Penélope)	θελκῆρια	“encantador”, relativo ao canto. (+)	Od. , I, 337.
Personagem (Telêmaco)	καλόν (καλός)	“belo”, referindo-se ao canto. (+)	Od. , I, 370.
Personagem (Telêmaco)	θεοῖς ἑναλίγκιος	“semelhante aos deuses” (+)	Od. , I, 371.
Narrador	θεῖον ἄοιδόν	“aedo divino” (+)	Od. , VIII, 47.
Narrador	μοῦσ' ἐφίλησε	“por quem as Musas tem afeto” (+)	Od. , VIII, 63.
Narrador	ἦ δεῖ ἀνοιδήν	“que possui doce cantar” (+)	Od. , VIII, 64.
Personagem (Alcínoo)	τιμῆς ἔμποροι	“portadores de honra” (+)	Od. , VIII, 480.
Personagem (Alcínoo)	μοῦσ' ἐδίδαξε	“a quem as Musas ensinam” (+)	Od. , VIII, 481.
Personagem (Odisseu)	ἔζοχος	“eminente”, “destacado” (+)	Od. , VIII, 487.
Personagem (Alcínoo)	καλόν (καλός)	“belo”, referindo-se ao canto. (+)	Od. , IX, 3.
Personagem (Odisseu)	Χαριέστερον (χαρίεις)	“gracioso”, “belo”, “adorável” (+)	Od. , IX, 5.

ADIVINHOS (Calcas e Mastoride Haliterses)			
Enunciador	Termo utilizado	Sentido na narrativa	Referência
Narrador	φρονέων	“prudência”, referindo-se à fala (+)	Il. , I, 73
Personagem (Agamêmnon)	μάντι κακῶν	“vate funesto”, “vate vil” (-)	Il. , I, 106
Personagem (Agamêmnon)	κάκ' ἐστὶ φίλα φρεσὶ μαντεύεσθαι	“é amigo da vileza quando pressagia” (-)	Il. , I, 107
Personagem (Agamêmnon)	ἄγορεύεις	“fala de modo enfadonho” (-)	Il. , I, 109
Narrador	φρονέων	“fala prudentemente” (+)	Od. , II, 160
Personagem (Eurímaco)	γέρον	“velho”, pejorativamente (-)	Od. , II, 178
Personagem (Eurímaco)	θεοπροπέων ἄγόρευες	“profecia agourenta” (-)	Od. , II, 184
Personagem (Eurímaco)	δῶρον ποτιδέγμενος, αἶκε πόρῃσιν.	“aceitou receber presentes”, no sentido de “suborno” (-)	Od. , II, 186

Esses exemplos resumem a tendência geral dos épicos. Nota-se que tanto o narrador quanto os personagens que se referem à fala inspirada dos *aedos* o fazem através de atitudes positivas, louvando seus méritos. No caso dos adivinhos, enquanto o narrador encontra-se propenso a elogiar suas qualidades, a resposta das personagens que se sentem envolvidas com os eventos que os augúrios evocam tende a ser negativa.

Algumas interpretações podem indicar as razões da censura com que os personagens tratam os discursos dos adivinhos e do louvor comumente associado ao recitado poético. Em primeiro lugar, é necessário lembrar que as epopéias, tal como foi indicado anteriormente, são narrativas remanescentes do canto de poetas orais. Isso implica que, mesmo que estivessem envolvidos em inúmeras tensões, o narrador expressa em boa parte das vezes a visão de mundo dos *aedos* ou, no máximo, a visão de mundo que os *aedos* tinham filtrada pelas expectativas da aristocracia. Sugere-se que,

no limite, esse filtro não parece ter sido capaz de restringir os elogios que faziam à própria atividade. Outrossim, o fato de não conhecermos censuras ao recitado aédico nos poemas homéricos não significa que eles não o tivessem sido ao longo história. Aliás, o bom senso sugere exatamente o contrário, por mais que não fosse algo habitual. No limite, o que se tem é o fato de não conhecermos o reverso da moeda, dado que a ausência de registros escritos dos discursos dos adivinhos feitos por eles próprios impede que sejam analisados com base no mesmo critério.

Em segundo lugar, é possível conjecturar que o contraste criado entre o louvor do narrador e a censura dos personagens à palavra mágico-religiosa dos adivinhos tenha que ver com as características do discurso e as expectativas que ele realiza, ou não, diante do público ouvinte. Os exemplos utilizados mostram que seria impossível proferir vaticínios que conciliassem grupos ou personagens que se colocavam de modo antitético diante da questão. Não era possível que Calcas ditasse suas predições sem causar a ira de Agamêmnon, por mais que a solução para dar fim à fúria apolínea fosse almejada por Aquiles e pelos demais aqueus; Mastoride Haliterses, por sua vez, não podia vislumbrar o futuro de Odisseu sem ferir os anseios de Telêmaco, caso negasse a idéia do retorno, ou dos pretendentes, caso enunciasse sua volta. No entanto, o dilema vivido por Fêmio ao recitar para os pretendentes o retorno funesto de Odisseu no palácio do herói mostra que a dificuldade de conciliar interesses não era exclusividade dos profetas. Viu-se que Fêmio foi imunizado por Telêmaco e, em seu pedido, Penélope foi extremamente cordata, elogiando-o inclusive. Poderíamos voltar a explicar essa assimetria, esse diferente grau de prestígio, com base no fato de que os poetas evitaram menções negativas a seu ofício. Essa leitura pode ter fundamento, mas é inevitável questionar a dimensão da associação de *aedos* e adivinhos com a aristocracia e como esse contato pode ter ajudado a definir tais distinções.

Não há dúvida que a composição da *Ilíada* e da *Odisséia* foi direcionada para suprir os anseios das camadas mais ricas da população, mesmo que elas fossem minoria. No universo aristocráticos das epopéias, a influência política era subsidiada pelo domínio de terras produtivas, que são o maior indicativo de poder financeiro dessas elites. Há vários exemplos. Em um deles, Odisseu, transfigurado sob a forma de mendigo, encontra Penélope e aproveita a ocasião para elogiar as virtudes de Ítaca: “seus campos produzem trigo, cevada, árvores frutíferas. Gado gordo nas pastagens”

(HOMERO. *Odisséia*, XIX, 111-113). Segundo Pierre Vidal-Naquet, a principal referência a este fato está exatamente nas menções que os heróis fazem à quantidade de gado que dispõem, que sugere a necessidade de campos vastos, já que a pecuária requer espaços mais amplos que a agricultura ou a horticultura (VIDAL-NAQUET, 2002, p.84). Em um território não muito extenso como o da Hélade, por mais que fosse pouco povoado, a concentração de terras gerava uma distância significativa entre os mais ricos e os mais pobres. A mobilidade social também era extremamente limitada, já que as terras permaneciam no interior das famílias ao longo das gerações. As camadas da população que não tinham acesso a essa riqueza precisavam orbitar em torno das atividades dessa aristocracia para angariar meios de subsistência. Tudo indica que seja essa a função, tanto da poesia, quanto do vaticínio: discorrer sobre assuntos do interesse dos nobres e, com isso, angariar recompensas. Esse é o primeiro ponto.

Além disso, a *Ilíada* e a *Odisséia* sugerem que a associação entre grupos aristocráticos que exerciam o poder sobre as várias regiões também era extremamente necessária por, pelo menos, duas razões. A primeira é de ordem comercial, já que nem todos os bens de consumo poderiam ser elaborados no interior de uma dada comunidade, principalmente porque muitas careciam de solos propícios para o cultivo de determinados alimentos. Os contatos eram fundamentais para o estabelecimento de vínculos que favoreciam, através da reciprocidade, a permuta de produtos. A segunda é de ordem militar, já que as invasões eram comuns na antiguidade. Saquear cidades era um recurso privilegiado para a obtenção imediata de riquezas, de modo que as alianças estabeleciam, mesmo que informalmente, um compromisso de ajuda mútua. Presume-se que um ingrediente indispensável para favorecer essas alianças tem que ver com o renome que determinada família gozava no espaço helênico. Ser *conhecido* era fundamental para ser *reconhecido* pelos pares como alguém que, por nascimento, é honrado e confiável para o estabelecimento de acordos e relações de amizade. É por essa razão que, tal como notou Werrner Jaeger, para essa nobreza, “a negação da honra era [...] a maior tragédia humana” (JAEGER, 2001, p.312). Esse é o segundo ponto.

É nesse cenário que os poetas se destacam por serem portadores de um discurso que possui um ingrediente que falta ao discurso dos adivinhos: a memória. O valor de fala do adivinho é inscrito no tempo e, mais ainda, temporalmente limitado, já que determinada profecia mantém sua vigência tão somente no espaço que vai da

enunciação à realização, ou não, do evento previsto. Além disso, o valor de *aletheia* do discurso escapa ao momento da enunciação, e nenhum ouvinte tem meios para avaliar os méritos ou a veracidade da inspiração. É por essa razão que Eurímaco, um jovem arrogante, julgou-se capaz de discordar da profecia do velho Mastoride Halitereses e interpretar de modo diametralmente oposto o voo dos pássaros: a ausência de materialidade do discurso é o apanágio para toda sorte de dúvidas. Diante da fala inspirada de um adivinho, o que se tem é, no limite, a expectativa de um *vir-a-ser* que pode, ou não, tornar-se acontecimento.

O mesmo não ocorre com os *aedos*, cujo discurso é assentado no conhecimento de tradições que são transmitidas ao longo das gerações por diversos meios, inclusive pelo recitativo de *aedos* mais experientes. Sua fala é, desse modo, atemporal e, por mais que os fatos narrados pudessem ser localizados historicamente, o grande mérito de suas récitas é mantê-los presentificados na lembrança da comunidade. Além disso, não estão suscetíveis à idéia de “realização futura” que acompanha a fala dos adivinhos: por já terem ocorrido em tempos idos, o que assegura a *aletheia* do canto é o grau de coerência que mantém com o canto de *aedos* outros e com a própria tradição popular que eles ajudam a criar e perpetuar, o que torna seu ofício menos arriscado e suscetível de crítica do que o dos vates.

Dá-se também que, tal como apontado, a difusão dos eventuais méritos de determinada elite potencializa sua capacidade de estabelecer contatos com outros grupos economicamente poderosos, o que inscreve os poetas em uma relação de reciprocidade e amplia a possibilidade de serem recompensados. Como afirma Marcel Detienne, o *aedo* é “encarregado de devolver à elite que o sustenta uma imagem embelecida de seu passado” (DETIENNE, 1989, p.23). Itinerantes, percorriam diversas regiões da Hélade celebrando os feitos passados de determinado grupo, de modo que “as viagens implicavam um deslocamento, tanto físico como simbólico, que atuou decisivamente para produzir elos de coletividade e promover formas de associação entre elites de diversas regiões” (MORAES, 2009, p.70).

É nesse sentido que o valor da palavra mágico-religiosa de um poeta inspirado parece ter uma blindagem mais resistente à censura do que a do adivinho: louvar a atuação dos poetas era, acima de tudo, uma estratégia política. Assim, a memória era o

instrumento privilegiado para a ampliação de seu prestígio social e a razão primeira para o estabelecimento da assimetria que o exercício comparativo procurou identificar.

THE VALUE OF THE INSPIRED SPEECH OF POETS AND DIVINERS IN THE HOMERIC POETRY: THE MERITS OF MEMORY

Abstract: *This article intends to analyze the discourses of poets and diviners in the Homeric poetry. Despite the fact that both had been considered inspired persons, with privileged access to the divinities, the differences between them is very significant. The question of memory appears as a distinctive factor which is capable to assure, in the scope of the narrative, praise or censure of the public.*

Keywords: *poets; diviners; memory; Homeric poetry.*

Documentação Escrita

HÉSIODE. **Theógonie – Les Travaux et les Jours – Le Bouclier**. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Editora Mandarim, 2001.

_____. **L'Iliade**. Trad. Victor Berárd. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

_____. **Odisséia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **Odisséia**. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: LP&M, 2008.

_____. **L'Odyssee**. Trad. Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

Referências Bibliográficas

CHADWICK, H. M; CHADWICK, N. K. **The Growth of Literature**. New York: The Cambridge University Press, 1968.

DETIENNE, M. **Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

DODDS, E. R. **Os Gregos e o Irracional**. São Paulo: Escuta, 2002.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORAES, A. S. Os sentidos da itinerância dos aedos gregos. **Phoënix**. v. 15, n. 2, p.62-73, 2009.

VERNANT, J-P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O Mundo de Homero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Notas

¹ Na *Iliada*, é amplamente conhecido o episódio envolvendo Tamíris, que desafiou as Musas após vencer uma competição em Eucália e sofreu a retaliação das deusas (HOMERO. *Iliada*, II, 593-599). Na *Odisséia*, além dos mencionados, Homero discorre a respeito de um aedo que ficou, segundo orientação de Agamêmnon, encarregado de vigiar Clitemnestra e que, em função da emboscada de Egisto, acabou sendo morto (HOMERO. *Odisséia*, III, 268). Ainda na *Odisséia*, Homero menciona a participação de um aedo celebrando as núpcias dos filhos de Menelau em Esparta (HOMERO. *Odisséia*, IV, 17-20).

² Na *Odisséia*, as dificuldades para o retorno de Odisseu são impostas por Posêidon no momento em que o herói cega um de seus filhos, o cíclope Polifemo. Não há notícias de como Athena teria interferido, mas sabe-se que esta era uma das muitas histórias paralelas que não foram contempladas por aquele (ou aqueles) que deu o formato conhecido ao épico. Há também uma versão em que Zeus seria o responsável pela errância de Odisseu, mas dela igualmente pouco sabemos. O importante é registrar que essas idiosincrasias são comuns a poemas de origem oral, que não passaram pelo crivo de um “revisor” atento no momento em que foram transcritas para o suporte escrito. Fato é que o canto de Fêmio, apesar da contradição com o enredo do épico, é verossímil aos fatos então conhecidos pelas tradições míticas.

³ A idéia de treinamento, que parece contradizer a lógica da inspiração, foi observada atentamente por inúmeros estudiosos. A própria concepção homérica de “poesia” (ποίησις), palavra derivada do verbo ποιέω, que significa “fazer”, “fabricar”, “produzir”, “levar”, “criar”, “inventar” e, mais especificamente, “compor um poema”. Trata-se, portanto, de um trabalho que exigia treinamento e que foi frequentemente colocado na mesma categoria de médicos e carpinteiros, ou seja, profissionais que são úteis aos povos. Com base nessa lógica, Vernant considerou que “presença direta no passado, revelção imediata, dom divino, todos esses traços, que definem a inspiração pelas Musas, de modo algum excluem ao poeta a necessidade de uma dura preparação e como que de uma aprendizagem do seu estado de vidência” (VERNANT, 1990, p.139). Fato é que essa leitura da atividade dos aedos é também extensível à dos adivinhos, segundo E. R. Dodds: “Os repositórios humanos de tais verdades (os poetas) possuíam (a exemplo dos videntes) recursos técnicos próprios, certo treinamento profissional” (DODDS, 2002, p.87).

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.